

# Moradores de olho nos vizinhos

Residentes da W3 Sul denunciam o funcionamento clandestino de pousadas interditas

Norma Moura

Discretamente, sem placas ou publicidade, pousadas na W3 Sul fechadas pela Subsecretaria de Fiscalização, atual Agência de Fiscalização (AGFis), no último dia 20, por determinação judicial reabriram as portas e continuam a funcionar. A denúncia parte de moradores vizinhos às pensões, que acham que a fiscalização não está sendo eficiente para coibir a atividade comercial na área residencial. Enquanto as pousadas atuam com discrição, salões de beleza abrem as portas e não escondem a freguesia, que entra e sai dos estabelecimentos instalados de frente para a avenida W3 Sul.

Presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, que pediu a liminar que fechou as portas desses estabelecimentos, Heliete Ribeiro Bastos afirma ter recebido a denúncia de moradores de que três pousadas na 703 Sul, na rua de acesso ao bloco E, continuam funcionando. Os supostos hóspedes estariam entrando pela frente das casas - onde fica a área verde entre os blocos.

- Os moradores relataram que as pessoas chegam como quem não quer nada. Verificam se há fiscalização e só então entram. Sempre com sacolas de viagem discretas - conta a conselheira.

## Lacre não atrapalha

Um morador da 703 Sul, que pediu para não ser identificado, apontou à reportagem duas casas vizinhas à sua onde a atividade não teria sido interrompida. Uma delas, que funciona no número 55, é contígua à pensão que funcionava no número 47, lacrada pela fiscalização. As duas seguem exatamente o mesmo padrão na fachada, tanto nas cores da pintura como no estilo das janelas. Segundo o morador, como a pensão sempre funcionou de maneira discreta, sem placa na fachada, os fiscais não perceberam que a casa ao lado também mantinha atividade comercial irregular.

Logo em frente à casa do morador, outra pousada interdita, formada por três casas geminadas

“ Os moradores relataram que as pessoas chegam como quem não quer nada. Verificam se há fiscalização e só então entram. Sempre com sacolas de viagem discretas

Heliete Ribeiro Bastos  
presidente do Conselho Comunitário

de frente para a avenida W3, estaria mantendo movimentação suspeita. Ele denuncia a chegada de alimentos e de pessoas que não são da casa. Segundo ele, não se trata de uma movimentação de moradores, uma vez que a proprietária da pousada, conhecida na região, não mora no local, e sim em uma superquadra próxima.

- Já tive problemas com essas pousadas. Os hóspedes acabam estacionando na porta de nossas casas, ocupando as vagas que seriam usadas pelos moradores - reclama o proprietário, que mora no local há 15 anos.

Na 706 Sul, uma outra moradora denunciou à Agência de Fiscalização as atividades de uma pousada na quadra. Os fiscais da agência foram ao local, mas não conseguiram flagrante. Diretor de Operações da Agência de Fiscalização, Paulo César Perez Nunes nega que o órgão tenha relaxado na fiscalização.

- A fiscalização precisa pegar em flagrante. Temos encontrado dificuldades nisso. Mas há uma equipe rondando o local diariamente. Estou certo de que vamos pegar - conta o diretor.

Segundo Nunes, os fiscais passam pelas quadras residenciais duas vezes por dia, em carros descharacterizados, para não despertar a atenção dos comerciantes.

- A fiscalização está atuante. Acompanhamos inclusive nos fins-de-semana - garante Nunes.



VALDILENE VALÉRIA - Recepcionista teme pelo futuro de seu emprego caso o despejo seja cumprido

## Empregados permanecem nos seus postos

Praticamente todas as pousadas instaladas nas quadras 700 mantêm os funcionários trabalhando, mesmo com as atividades legalmente suspensas. O motivo seria a manutenção dos estabelecimentos. Há 20 dias eles comparecem diariamente ao serviço. Segundo esses empregados, para limpar as pensões e atender o telefone, que toca o dia inteiro. São pessoas atrás de alojamento entre R\$ 15 e 60 a diária.

Funcionária de uma pousada na 703 Sul, a recepcionista Valdilene Valéria teme o futuro do emprego.

- O mais provável é que a gente fique desempregada - prevê.

Segundo a recepcionista, o fechamento das pousadas prejudicou muita gente. Não só os proprietários e funcionários, mas sobretudo as pessoas que vem à Brasília para tratamentos médicos e para fazer provas de concursos públicos e não têm condições de pagar as diárias de um hotel.

- A maioria dos nossos clientes é gente que está em tratamento médico ou acompanhamento fa-

miliare em tratamento. Eles são 75% da clientela - calcula.

Gerente da pousada Brasília, também na 703 Sul, Maria Lourdes da Silva conta que a clientela está desolada. Segundo a gerente, uma antiga cliente veio a Brasília para uma consulta da filha no hospital Sarah, e foi surpreendida com a notícia da interdição.

- Ela disse que iria embora, pois não tinha como pagar um hotel para esperar a consulta da filha no dia seguinte.

## Tudo igual para a hotelaria

No hotel Econotel, no SHS, um dos mais baratos do centro de Brasília, o fechamento das pousadas não se reverteu em aumento da clientela. Segundo a gerente Vânia Matias, há mais gente telefonando para saber os preços, mas a taxa de ocupação continua a mesma. O apartamento para uma pessoa mais barato no hotel sai por R\$ 84,90.

- Nosso hotel sempre teve boa ocupação. Nunca sofremos com essa concorrência, pois nossos hóspedes têm um perfil diferente

daqueles que procuram as pousadas - explica.

A mudança também não foi sentida pelos funcionários do hotel Riviera, também no SHS.

- Não alterou em nada para nós. Quando as pousadas funcionavam, chegávamos a indicá-las a pessoas que nos ligavam e não podiam pagar nosso preço - revela a atendente Dirani Mendes. O quarto mais em conta no hotel custa R\$ 147.

Segundo a assessoria de imprensa da Rede Sarah, os casos que chegam a eles de pacientes ou acompanhantes de pacientes que estão tendo dificuldade para continuar o tratamento estão sendo encaminhados para a assistência social. O hospital informa ainda que crianças menores de 16 anos internadas têm direito a um acompanhante, que dispõe de acomodação no próprio hospital. A instituição recebe cerca de duas mil pessoas por dia, em atendimento nos moldes de hospital-dia, e oferece 180 leitos para internação. A maioria ocupado por pacientes de fora de Brasília. (N.M.)